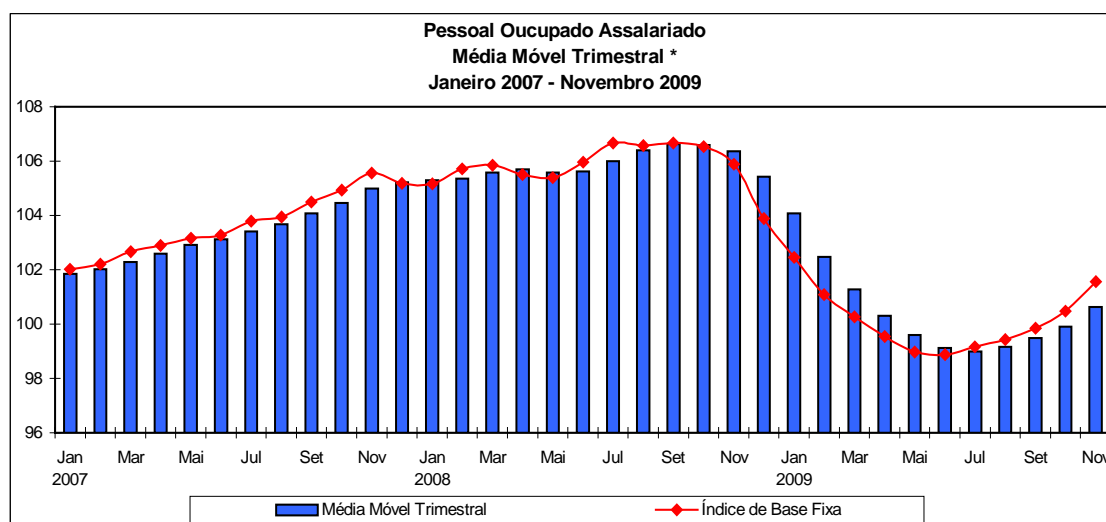


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em novembro de 2009, o emprego industrial avançou 1,1% frente ao mês anterior na série livre de influências sazonais, maior expansão desde o início da série (janeiro de 2001) e o quinto resultado positivo consecutivo, acumulando nesse período ganho de 2,7%. Com estes resultados, o índice de média móvel trimestral avançou 0,7% em novembro, quarta taxa positiva consecutiva, e acelerou o ritmo de crescimento frente aos últimos meses: 0,2% em agosto, 0,3% em setembro e 0,4% em outubro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Na comparação com iguais períodos de 2008, os índices mantiveram-se negativos: queda de 4,1% frente a novembro do ano passado; -5,5% no indicador acumulado no ano e recuo de 5,2% na taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, que manteve a trajetória descendente iniciada em agosto do ano passado (3,0%).

No confronto novembro 09/novembro 08, o emprego industrial apontou queda de 4,1%, décima segunda taxa negativa consecutiva, com redução do pessoal ocupado em treze das quatorze áreas investigadas e em dezesseis dos dezoito segmentos industriais. Entre os locais pesquisados, São Paulo (-3,0%) exerceu o maior impacto negativo na taxa global, seguido por Minas

Gerais (-9,1%), região Norte e Centro-Oeste (-6,5%) e Paraná(-5,5%). No estado paulista, as maiores influências negativas vieram de meios de transporte (-13,6%), máquinas e equipamentos (-9,3%) e produtos de metal (-11,3%). Em Minas Gerais, com queda de 28,3% nas contratações, o setor de vestuário apontou o maior impacto negativo, seguido por alimentos e bebidas (-7,1%) e metalurgia básica (-13,1%). Na região Norte e Centro-Oeste, as maiores perdas foram assinaladas em madeira (-29,6%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-18,4%). Já no estado paranaense, outros produtos da indústria de transformação (-19,7%) e madeira (-17,1%) exerceram as principais pressões negativas.

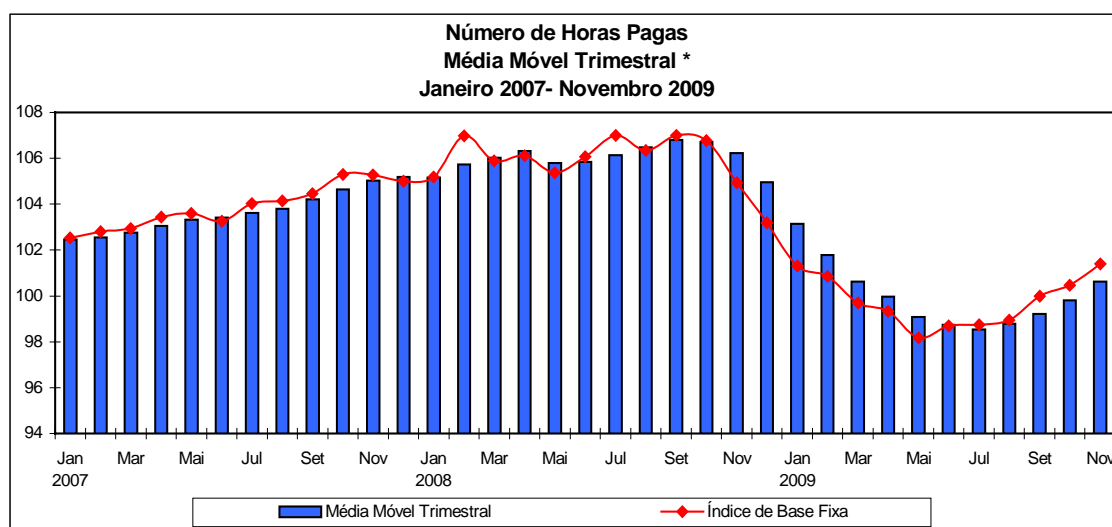
No corte setorial, ainda nesse tipo de comparação, as perdas mais relevantes vieram de meios de transporte (-10,4%), máquinas e equipamentos (-9,0%), produtos de metal (-8,4,%) e madeira (-17,6,%). Por outro lado, papel e gráfica (7,6%) e fumo (2,1%) foram as únicas atividades que apontaram crescimento do pessoal ocupado nessa comparação.

No indicador acumulado no ano, a taxa do emprego industrial também foi negativa (-5,5%), desempenho apoiado nos decréscimos dos quatorze locais investigados, com destaque para São Paulo (-4,1%), Minas Gerais (-8,7%), região Norte e Centro-Oeste (-8,8%) e Rio Grande do Sul (-7,2%). Setorialmente, ainda neste tipo de índice, o emprego industrial recuou em dezessete dos dezoito setores investigados, com meios de transporte (-9,9%), máquinas e equipamentos (-8,9%), vestuário (-8,1%) e produtos de metal (-9,3%) exercendo as principais pressões negativas. Em sentido contrário, papel e gráfica (7,0%) foi o único segmento que assinalou taxa positiva.

Em síntese, a evolução positiva dos índices do emprego industrial e do número de horas pagas, nos últimos meses, reflete o maior dinamismo da atividade produtiva, segundo o confronto mês/mês anterior e o índice de média móvel trimestral. Contudo, nas comparações contra iguais períodos do ano anterior, os resultados permaneceram negativos mas com redução no ritmo de queda frente aos meses anteriores.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em novembro de 2009, o setor industrial ampliou em 0,9% o número de horas pagas na comparação com o mês anterior, já descontadas as influências sazonais, completando, assim, seis expansões consecutivas, acumulando nesse período crescimento de 3,3%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral avançou 0,8% em novembro, confirmando a trajetória ascendente iniciada em agosto último.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Nos outros indicadores, porém, os índices permaneceram, mais uma vez, negativos: -3,6% na comparação com novembro de 2008, -6,0% no acumulado no ano e -5,6% no acumulado nos últimos doze meses.

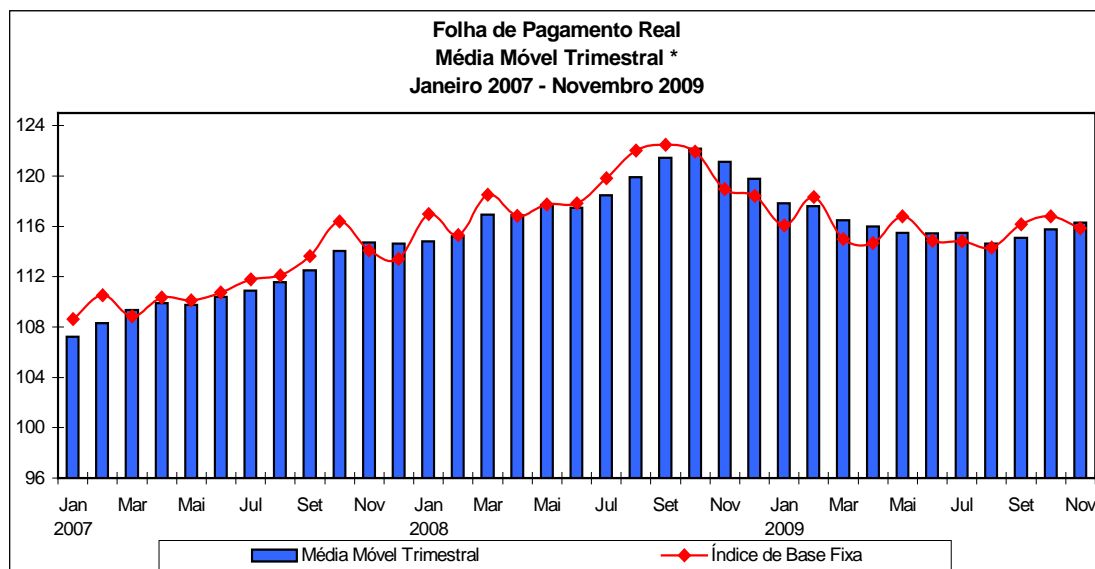
No comparativo novembro 09/novembro 08, treze dos quatorze locais pesquisados reduziram o número de horas pagas na produção, com as principais contribuições negativas para a taxa global de -3,6% vindo de Minas Gerais, com queda de 7,8%, da região Norte e Centro-Oeste (-7,9%) e de São Paulo (-1,9%). Em Minas Gerais, os principais impactos negativos vieram de vestuário (-28,4%), alimentos e bebidas (-6,3%) e metalurgia básica (-15,1%); na região Norte e Centro-Oeste, madeira (-34,5%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-18,0%) exibiram as perdas mais importantes; e em São Paulo, destacaram-se os recuos de meios de transporte (-10,0%) e de máquinas e equipamentos (-10,3%). Em

sentido contrário, apenas Ceará (2,7%) ampliou o número de horas pagas na produção, impulsionado em grande parte pelo avanço em calçados e couro (14,5%). Ainda na comparação com novembro de 2008, verifica-se redução no número de horas pagas, no total do país, na maior parte (quatorze) dos dezoito setores pesquisados, com destaque para os impactos negativos vindos de máquinas e equipamentos (-10,2%), madeira (-19,5%) e meios de transporte (-6,6%). Por outro lado, papel e gráfica (8,7%) assinalou a contribuição positiva mais relevante nesse tipo de comparação.

O índice acumulado de janeiro-novembro de 2009, contra igual período do ano anterior, permanece com queda generalizada, atingindo todos os locais e quinze das dezoito atividades pesquisadas. Setorialmente, os impactos negativos mais importantes na formação da taxa global de -6,0% foram: máquinas e equipamentos (-11,2%), meios de transporte (-11,1%), vestuário (-8,0%) e produtos de metal (-9,3%). Em sentido contrário, as indústrias de papel e gráfica (6,3%), refino de petróleo e produção de álcool (1,5%) e minerais não metálicos (0,1%) foram as únicas que ampliaram o número de horas pagas na produção. Regionalmente, ainda nesse tipo de comparação, as maiores pressões negativas sobre a média global vieram de São Paulo (-4,4%), Minas Gerais (-8,4%) e região Norte e Centro-Oeste (-10,0%).

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em novembro de 2009, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 0,8% em relação ao mês imediatamente anterior, após ter crescido por dois meses seguidos, acumulando ganho de 2,2% nesse período. Com estes resultados, o índice de média móvel trimestral apontou acréscimo de 0,4% em novembro, terceira taxa positiva consecutiva, com expansão de 1,4% nesse período.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Nas comparações com iguais períodos do ano anterior, os resultados continuaram negativos: -2,7% tanto no indicador mensal como no acumulado no ano. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -1,4% em outubro para -2,0% em novembro, acentuou o ritmo de queda e prossegue em trajetória decrescente desde setembro de 2008 (6,7%).

Na comparação novembro 09/novembro 08, o valor da folha de pagamento real apresentou queda de 2,7% em relação a igual mês do ano anterior, com taxas negativas em nove dos quatorze locais pesquisados. A maior contribuição negativa veio de Minas Gerais (-12,3%), pressionada pelos recuos vindos de metalurgia básica (-32,5%), indústrias extrativas (-25,2%) e vestuário (-24,3%). Vale citar também as perdas assinaladas por São Paulo (-2,1%), em função de produtos de metal (-17,6%) e produtos químicos (-7,4%); e região Norte e Centro-Oeste (-6,9%), por conta de alimentos e bebidas (-5,7%) e madeira (-25,8%). Em sentido oposto, o maior impacto positivo veio do Espírito Santo (23,8%), influenciado pelo crescimento de 150,6% da metalurgia básica, por conta do pagamento de participação nos lucros ocorridos em novembro de 2009.

Setorialmente, ainda no indicador mensal, o valor da folha de pagamento real recuou em quatorze dos dezoito setores, com destaque para produtos de metal (-13,1%), produtos químicos (-6,9%), metalurgia básica (-9,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,6%).

Por outro lado, papel e gráfica (13,3%), têxtil (5,4%), outros produtos da indústria da transformação (4,3%) e fumo (7,8%) foram as atividades que apontaram taxas positivas.

O indicador acumulado no ano recuou 2,7%, com redução no valor da folha de pagamento real em dez dos quatorze locais. As principais influências negativas foram registradas em São Paulo (-2,6%), Rio Grande do Sul (-7,3%) e Minas Gerais (-6,3%). Nestes locais, as maiores quedas foram observadas, respectivamente, em meios de transporte (-5,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,7%); meios de transporte (-16,3%) e máquinas e equipamentos (-9,4%); e metalurgia básica (-16,2%) e meios de transporte (-8,6%). Em sentido contrário, Espírito Santo (4,9%) e Rio de Janeiro (1,2%) exerceram os maiores impactos positivos, em função, respectivamente, da expansão de 12,2% na metalurgia básica e de 11,9% na indústria extrativa. Em termos setoriais, doze atividades reduziram o valor da folha de pagamento real, com meios de transporte (-5,7%), metalurgia básica (-11,6%), máquinas e equipamentos (-5,5%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,9%) exibindo as principais pressões negativas. Por outro lado, os maiores impactos positivos vieram de papel e gráfica (13,3%) e indústria extrativa (9,0%).